

AS EXPERIÊNCIAS HISTÓRICAS NO ENSINO DE HISTÓRIA NA EJA: POR UM ENSINO LIBERTÁRIO

TAYLAN SANTANA SANTOS*.

RESUMO: Esta pesquisa tem por objeto o estudo acerca das experiências históricas no ensino de história na EJA (Educação de Jovens e Adultos). Se pautando no conceito de experiência histórica cunhado pelo historiador inglês Edward Thompson (através de sua importante análise sobre a formação do operariado europeu do século XVIII), o estudo visa entender como a realidade social e a vivência dos estudantes/trabalhadores pode contribuir de maneira significativa no ensino/aprendizagem de história na modalidade educacional da EJA. Vale ressaltar, que a utilização do conceito de experiência histórica atrelado ao importante olhar/pensar marxista faz parte de um projeto de se alinhar as realidades sociais dos estudantes não só no processo de construção coletiva do conhecimento, mas também em uma perspectiva de engajamento social, mobilização e transformação social. Por fim, o trabalho apresenta resultados parciais de um plano de estudo que desenvolvo como bolsista do Programa Institucional de Iniciação a Docência (PIBID), na Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia

PALAVRAS CHAVE: Experiências históricas; Docência em história; EJA; Emancipação.

INTRODUÇÃO:

Neste artigo, analiso a utilização das experiências históricas no ensino de história na EJA (Educação de Jovens e Adultos). Pautado no conceito de experiência histórica cunhado pelo historiador inglês Edward Thompson, procuro demonstrar como a

*Graduando em História na Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia. Orientador: Valter Guimarães Soares: Mestre em Literatura e Diversidade Cultural. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID) – CAPES.

realidade social dos estudantes/trabalhadores pode contribuir de maneira significativa no ensino/aprendizagem de história na EJA. O trabalho apresenta resultados parciais de um plano de estudo que desenvolvo como bolsista do Programa Institucional de Iniciação a Docência (PIBID), na Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia.

O seguinte estudo foi elaborado e construído a partir de um conjunto de análises/observações em uma pesquisa etnográfica junto aos alunos do ensino médio da EJA no colégio Gastão Guimarães (Feira de Santana- BA). É importante ressaltar que este meu contato com os estudantes vem sendo de grande importância não só para a confecção da referida pesquisa, mas para a minha própria formação pedagógica, cultural, política e social.

Foi a partir desse contato, que surgiu a necessidade de entender como a realidade social desses estudantes implica no ensino/aprendizagem de história ou pode contribuir para o mesmo. Nessa perspectiva, a utilização do conceito de experiência histórica de Edward Thompson atrelado a um importante e imprescindível olhar marxista, faz parte de um projeto de se alinhar as realidades sociais dos estudantes não só no processo de construção coletiva do conhecimento, mas também em uma perspectiva de engajamento social, mobilização e transformação social, fruto de uma consciência e luta de classes. (MARX e ENGELS, 1982, pp. 20-25).

Portanto, o plano de estudo pretende entender e estudar como as múltiplas experiências históricas dos estudantes da EJA podem contribuir de maneira significativa na construção de um conhecimento histórico e de uma educação de qualidade. De antemão, vale destacar que os professores devem objetivar a construção coletiva de uma educação em sua essência libertária, pautados em um método pedagógico dialético e dual. (FREIRE, 1987 pp. 18-22).

Vale ressaltar, que o referido estudo faz parte de um conjunto de políticas públicas/institucionais de incentivo à prática/formação docente, através do Programa Institucional de Iniciação a Docência (PIBID). Este por um lado gera um estímulo

docente, mas por outro, acaba por denunciar o verdadeiro quadro de extrema crise no processo de formação docente qualificada, a partir da ineficiência universitária e a omissão do poder público quanto a essa questão.

REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO, ESPAÇO ESCOLAR E SUAS PROBLEMÁTICAS

A educação sem sombra de dúvida representa uma das mais importantes bases da sociedade brasileira, tendo ela a possibilidade de referendar ou combater interesses dos grupos dominantes, assim como diversas mazelas que atingem o país, decorrente de um sistema capitalista opressor e explorador. Nessa perspectiva, a educação mais do que promover a construção de saberes e o conhecimento, deve ser encarada como um elemento que possui uma fundamental importância: a de transformação social.

Porém, o atual cenário da educação brasileira nos revela um verdadeiro estado de calamidade e precarização escolar frente a um árduo processo de desvalorização social e financeira dos docentes, péssimas condições estruturais de trabalho e estudo e omissão do poder público, gerando dessa forma a não aprendizagem por parte dos estudantes. É importante ressaltar que tal crise educacional vem atingindo de forma intensiva não só a escola pública, mas também na escola privada pelo qual, se por um lado assistimos a degradação da escola pública em que se realiza a “oferta” de marginalizados como massa de manobra, nas escolas particulares observamos a hegemonia e domínio da pedagogia do capital, o “senhor” da educação privada que se sobrepõe aos docentes, discentes e em muitas vezes à própria construção do conhecimento. (FREIRE, 1987, pp. 39).

O espaço escolar também se configura como um local repleto de problemáticas e questões a serem apontadas. Para tanto, é preciso compreender o referido cenário como um espaço essencialmente sócio-cultural. Neles, o dinamismo escolar está envolto de

relações sociais entre professores, estudantes/trabalhadores, além de traços culturais como negros, brancos, indígenas e etc. Dessa forma, a escola se configura como um espaço pelo qual o cotidiano escolar e o caminhar do processo pedagógico e social dentro e fora da escola são construídas pelos diversos sujeitos sociais como os docentes, estudantes e trabalhadores em geral. (DAYRELL, 1996, pp. 136-138)

Se contrapondo a um modelo burocrático da educação, tal qual vem sendo desenvolvido pelo Estado, advogo um modelo em que a educação seja significado de uma pedagogia emancipatória e transformadora da realidade social à medida que a escola se configure como um espaço propício para a construção deste conhecimento. Ademais, deve se entender a escola enquanto um local heterogêneo, conflitante e dialético, onde principais relações sócio-culturais se cruzam e se estabelecem dentro e fora dos muros da escola.

A partir das observações e atuação no colégio Gastão Guimarães, posso registrar que a realidade de tal espaço escolar não foge de tais discussões. O mesmo se caracteriza por abarcar diversas culturas e sujeitos oriundos de diversas classes sociais. Com relação à educação de jovens e adultos (EJA), podemos sinalizar que a mesma se concentra na composição de estudantes/trabalhadores excluídos da educação, pertencentes a uma classe popular não dominante, sendo trabalhadores e/ou proletários explorados pelo sistema capitalista.

Por essa análise, fruto do processo de observação/investigação no ensino da EJA no referido colégio, é primordial estabelecermos um estreito diálogo entre o contexto social desses sujeitos com o processo educacional em questão. Pois, por meio desse processo dialético da pedagogia, tornaremos os estudantes/trabalhadores agentes participantes da construção do conhecimento histórico, objetivo necessário de todo educador. Para tanto, é necessário uma visão multicultural materialista, pelo qual se norteia o entendimento de que as vivências sociais marcadas pela estrutura econômica capitalista referendam as desigualdades sócio-culturais refletidas na escola. (DAYRELL, 1996, pp. 87).

O ENSINO DE HISTÓRIA NA EJA: CARACTERÍSTICAS E PERSPECTIVAS

A EJA se constitui como uma modalidade de ensino obrigatório na educação pública brasileira caracterizada pela educação de jovens e adultos a partir do turno noturno. A origem da referida modalidade se encontra em um período marcado pela redemocratização do país, sendo um ponto de discussão desde o governo Collor, em pleno contexto político e econômico fundamentado no neoliberalismo que permeou a sociedade brasileira. (PIRES, 2011, pp. 5).

Integrado ao processo de sucateamento e precarização da educação pública em curso no Brasil, a EJA vem se deparando com sérios problemas institucionais que de maneira significativa dificultam a construção de uma educação de qualidade. Entraves como baixos investimentos federais, descaso público e falta de qualificação docente, fazem parte de um conjunto de mazelas institucionais. Em certa medida, tal educação vem sendo sustentada por uma lógica do mercado, pelo qual a EJA está voltada para uma linha tecnicista e capitalista no que concerne ao fornecimento de mão de obra “qualificada”, pronta para ser explorada. Caracterizando dessa forma, uma educação bancária, respaldada em um ensino alienante. (HILSDORF, 2003, pp. 55-58).

Como prova deste entendimento, vale salientar alguns problemas evidenciados na educação de jovens e adultos no colégio Estadual Gastão Guimarães- BA. Um exemplo que cabe destaque é a ausência de qualquer tipo de suporte didático tanto para os docentes como para os estudantes. Em uma clara e visível forma de inferiorização e depreciação dos estudantes/trabalhadores, os mesmos não contavam com o apoio de qualquer ferramenta de estudo. Tanto o livro didático como apostilas de estudo são negadas pelo governo estadual em gestão (PT) para esses estudantes.

Em qualquer tipo de estudo sobre a EJA, é de suma importância as discussões de como os fatores sociológicos configuram a realidade social dos indivíduos sejam eles estudantes e/ou professores. Os mesmos fatores acabam por gerar e/ou influenciar no desenvolvimento dos fatores pedagógicos que compõem a educação na EJA. Entre os aspectos sociológicos, podemos citar: as relações de um trabalho social explorador, o

não cumprimento dos valores de cidadania além da não garantia de direitos sociais básicos. Por sua vez, essas características acabam por desembocar e acentuar problemas como o fracasso escolar, a evasão e a repetência.

Partindo para os pressupostos empíricos através da realização de questionários e até mesmo bate-papos nos corredores da escola com estudantes, posso afirmar que a grande maioria dos alunos se constitui como classe trabalhadora e como tal, está impregnada em um estado de crise social, provocada por diversos problemas sociológicos. A principal consequência desta análise é a de que grande parcela dos estudantes possuem um histórico escolar, marcado por um baixo desempenho educacional, através de sintomas perceptíveis como sérias dificuldades na escrita, oralidade, articulação de idéias e interpretação crítica.

Nessa perspectiva, é válido levantarmos uma problemática central deste plano de estudo: como a realidade/experiência histórica desses estudantes pode contribuir no ensino de história? Para tanto, é fundamental afirmar que urge a necessidade de se atrelar a realidade social desses indivíduos aos conceitos/conteúdos trabalhados na educação e mais especificamente no ensino de história. Pois, é por meio deste processo didático que tem como elo a experiência histórica dos estudantes, que os mesmos podem participar ativamente do processo de construção do conhecimento histórico a partir do levantamento dos seus anseios, perspectivas, demandas e vivências sociais. Ademais, é possibilitada a esses estudantes a compreensão social (através da conscientização de classe) e a mobilização para a transformação da referida sociedade capitalista, que exclui e oprime os trabalhadores. (FREIRE, 1987, p. 39)

Portanto, utilizar o conceito de experiência histórica, cunhada por E. P. Thompson no século XX é fundamental na construção de uma educação e ensino/aprendizagem da história, de qualidade na EJA. Isso se justifica pelo fato de Thompson entender a formação da classe operária inglesa do século XVIII se deruçando em um processo pedagógico que valoriza as experiências sociais. (JUNIOR, 2011, pp. 6). Dessa maneira, também é possível para nós, educadores brasileiros, construirmos uma História social engajada e transformadora, que por meio do conceito de experiência em Thompson,

ofereça “voz” e vez aos estudantes do EJA no processo de construção do conhecimento e de transformação social.

AS EXPERIÊNCIAS HISTÓRICAS NO ENSINO DE HISTÓRIA NA EJA: POR UM IDEAL LIBERTÁRIO

O conceito de experiência histórica foi cunhado por Edward Thompson, através de sua importante análise acerca da formação do operariado inglês do século XVIII. Tal conceito representou um importante marco na historiografia marxista, pelo qual se buscava compreender as ações dos trabalhadores (assim como sua realidade social) como plano de fundo nas relações de classe e luta de classes. Além de possibilitar o entendimento das principais mudanças e transições histórico-sociais, por meio de um conjunto de elementos que vão além das relações de estrutura/infra-estrutura. (THOMPSON, 1987, pp. 28-35).

Integrantes da linha denominada marxismo-humanismo, Thompson, Christopher Hill e Eric Hobsbawm buscavam resgatar as ações coletivas, frutos dos movimentos sociais na Inglaterra do século XVIII. Realizando certa oposição ao marxismo-estruturalismo, Thompson objetivava dar voz a homens e mulheres, esquecidos nas análises marxistas estruturalistas, construindo uma história das minorias. História esta, que pudesse compreender os aspectos ideológicos, e principalmente as vivências sociais dos indivíduos subalternizados no processo de construção social na realidade capitalista. (JUNIOR, 2011, pp. 8).

Dessa forma, devemos conceber a educação enquanto um instrumento capaz de promover a construção do conhecimento. Mas não qualquer conhecimento ou de qualquer forma, mas sim a partir de uma estreita aproximação da realidade, através da relação dialógica entre professor e alunos, enquadrando os estudantes da EJA enquanto sujeitos históricos e, por conseguinte, agentes determinantes no processo de construção do conhecimento e na formação da educação.

A partir das observações realizadas na EJA, posso ponderar que o conceito histórico de Thompson pode ser uma importante ferramenta política na construção do conhecimento histórico e da transformação da realidade social. Isto pode ser ratificado, se compararmos o papel de Edward Thompson enquanto um alfabetizador da massa operária pelo qual, buscava absorver dos seus estudantes suas respectivas experiências sociais. Nessa perspectiva, é de fundamental importância visualizar a EJA, enquanto um campo propício para a construção de um ensino de história engajado, crítico e reflexivo, visando o desenvolvimento do senso crítico dos estudantes a partir de uma pedagogia dos oprimidos e não para ou sobre as massas oprimidas. Pois, a partir dessa pedagogia, os estudantes se tornam sujeitos construtores e não meros receptores do conhecimento. (ADORNO, 1995 pp. 9).

Para defesa de tal concepção, foi tomada como base uma metodologia empírica, caracterizada por: trabalho de observação, entrevistas, grupos de discussão, aplicação de questionários e intervenções como docente junto aos estudantes da EJA do Ensino Médio no Colégio Gastão Guimarães. Com relação às intervenções em sala de aula posso salientar que este foi um dos momentos em que foi possível estabelecer uma produtiva troca de informações entre eu e os estudantes, resultando assim na produção do conhecimento. Nos momentos em que pude atuar nas intervenções, estive desenvolvendo junto com os estudantes, temáticas como: trabalho social (da Revolução Industrial até a atualidade), consciência negra (escravidão, racismo e problemáticas atuais, em diálogo com a antropologia) e o trabalho social no campo (a Questão Agrária e os movimentos sociais no campo: Ligas Camponesas e o MST, em um estreito diálogo com a sociologia). Nessas temáticas sempre foi prioridade o estabelecimento de um diálogo entre os estudantes, buscando sempre ouvir os mesmos, trazendo à sala de aula as experiências históricas e vivências sociais dos estudantes como parte do processo de produção do conhecimento.

O processo de intervenção em sala de aula me possibilitou um novo olhar sobre a relação ensinar-aprender história pelo qual, o estudante se configura como sujeito

importante na educação, inclusive os estudantes da EJA que são caracterizados pelo desânimo, cansaço e falta de perspectivas. Todavia, estão dispostos a produzir conhecimento junto aos docentes por meio de uma didática- dialética libertária e que leve em consideração seus anseios e suas vivências, em suma: suas experiências históricas. (FREIRE, 1987, pp. 45).

Portanto, a aplicação do conceito de experiência histórica no ensino de história da EJA, pode ser um elemento imprescindível na luta por uma educação genuinamente libertária. Não só porque o exemplo de trabalho de Edward Thompson na alfabetização de operários ingleses contribuiu na formação de sindicatos, movimentos operários e conscientização política dos trabalhadores ingleses. Mas porque, entrelaçar os conteúdos históricos à realidade social dos estudantes pode gerar o conhecimento quanto às relações que permeiam a sociedade capitalista e o seu papel/posição na sociedade. Além de promover o questionamento à ordem social e a luta pela construção de uma sociedade justa, igualitária e socialista. (MORIYÓN, 1989, pp. 38-44).

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A educação, assim como o ensino de história engajado e revolucionário deve ser um mecanismo de formação intelectual dos estudantes, assim como o de formação social e humana dos cidadãos em seu papel na prática da cidadania. Dessa forma, o espaço do ensino de história na EJA deve ser transformado em um instrumento de conscientização social e histórica para que os múltiplos sujeitos (professores, alunos e funcionários) possam combater os problemas sociais e por conseguinte, construir uma nova sociedade, mais humana e igualitária

Por fim, não podemos conceber uma educação libertária apenas no âmbito de uma utopia e ideologia inatingível existente apenas nas mentes de intelectuais sonhadores. Pois, para construir um futuro, é preciso primeiro sonhá-lo, não podemos ceder à fatalidade do neoliberalismo, principal negador e opositor das mudanças sociais. Não podemos também, se curvar perante o capital. Nesse caminho, a pedagogia

dialética/emancipatória é uma guia na construção do sonho de um futuro justo, através da transformação da presente realidade educacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AMARO, Hudson Siqueira. RODRIGUES, Isabel Cristina. **O Papel do Profissional na formação da Cidadania**. In: IV Congresso Internacional de História. UEM, PR. 2009

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, J. (org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996.

DI PIERRO, Maria Clara; JOIA, Orlando; RIBEIRO, Vera Masagão. **Visões da Educação de Jovens e Adultos no Brasil**. Cadernos Cedes, ano XXI, n. 55, Nov/2001

DI ROCCO, Gaetana Maria Jovino. **Educação de adultos: uma contribuição para seu estudo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 18. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **História da educação brasileira**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

JUNIOR, João Alfredo Costa de Campos Melo. O conceito de experiência histórica em Edward Thompson. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História- ANPUH. São Paulo, 2011**.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. O Manifesto do Partido Comunista. In: LASKI, Harold J., **O Manifesto comunista de Marx e Engels**. 3ª ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

MORIYÓN, F.G. **Educação libertária**. Porto Alegre: Artes Medicas, 1989.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos**. 10º Ed. São Paulo: Cortez 1997.

PIRES, João. Educação de jovens e adultos: um espaço para (re) pensar o ensino de história. In: **Anais eletrônicos dos pesquisadores do ensino de história, 2011.**

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa: A Árvore da Liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.